

abaixo os anarquistas!¹

Devemos nos livrar dos Anarquistas! Eles são uma ameaça à sociedade. Não foi o que disse Hearst? M & M² e os senhores da Câmara do Comércio não declararam guerra aos sindicatos, garantindo que os Anarquistas são perigosos e responsáveis por todos os nossos problemas? Todos os exploradores do trabalho alheio e todos os políticos violentadores não gritam contra os Anarquistas? Não é o suficiente para provar que os Anarquistas são perigosos?

Mas por que todos os donos da grana e seus asseclas são tão unânimes em condenar os Anarquistas? Geralmente discordam em muitas questões e lutam amargamente um com o outro em seu trabalho e vida social. Mas em duas questões estão sempre de acordo.

Quais são as duas questões que todos os capitalistas e os vis negociantes estão sempre em perfeito acordo? São elas:

Esmagar os sindicatos!

Enforcar os Anarquistas!

POR QUÊ? Porque os sindicatos estão cortando os lucros dos chefes pela constante demanda por maiores salários. E os Anarquistas querem abolir a chefia por completo.

Então, qual o problema com os Anarquistas? O que eles realmente sabem, com exceção das mentiras e as deturpações de seus inimigos — que são também os inimigos dos trabalhadores e opositores a qualquer avanço

dos sindicatos? Se pararem para pensar, não se sabe nada sobre os Anarquistas e seus ensinamentos. Seus senhores e sua imprensa tomaram tanto cuidado que vocês não devem saber nada sobre eles. E por quê? Pois quanto mais tempo eles puderem vos manter ocupados gritando contra os Anarquistas, mais seguros estarão montando no povo.

Este é o segredo.

O que os Anarquistas realmente querem? Quando vocês souberem, estarão aptos para decidir por si mesmos se os Anarquistas são inimigos ou seus amigos.

Os Anarquistas dizem que não é necessário haver crime e assassinato, pobreza e corrupção no mundo. Eles dizem que fomos amaldiçoados por esses demônios porque parte das pessoas monopolizou a Terra e toda a riqueza do país. Mas quem produz a riqueza? Quem constrói as ferrovias, quem escava o carvão, quem trabalha nos campos e nas fábricas? Você pode responder essa questão por si mesmo. São os trabalhadores que fazem todo o trabalho e produzem tudo o que temos no mundo.

Os Anarquistas dizem: os produtos dos sindicatos devem pertencer aos produtores. As indústrias devem satisfazer as necessidades do povo em vez das do lucro, como acontece atualmente. Abolir o monopólio da terra e das fontes de produção, fazendo com que oportunidades para a produção sejam acessíveis a todos, pode acabar com o capitalismo e introduzir uma distribuição livre e equitativa. O que, por sua vez, acabaria com as leis e o governo, e uma vez que não seria mais necessário, o governo serviria apenas para conservar as instituições e proteger os senhores em sua exploração do povo. O crime e a guerra seriam abolidos, pois não haveria mais incentivo para ambos.

Abaixo os anarquistas!

Haveria uma sociedade de real liberdade, sem coerção ou violência, baseada numa organização comum e voluntária da máxima “para cada um segundo suas necessidades; de cada um segundo suas habilidades.”

É isso que os Anarquistas ensinam. Vamos supor que estejam errados. Vocês irão prová-lo esmagando-os? Se estão errados, o povo não aceitará suas ideias, e portanto não representarão perigo algum. Mas, se estão certos, descobri-lo seria bom para todos. Em todo caso, há a questão de aprender o que estes Anarquistas realmente querem. Deixem que o povo os ouçam.

“Mas e a violência?”, vocês perguntarão. Os Anarquistas por acaso não pregam e praticam a violência e o assassinato?

Não. Pelo contrário, os Anarquistas defendem a vida como a coisa mais sagrada que há. Por isso querem mudar o presente estado das coisas no qual todos se voltam contra seus irmãos e no qual a guerra, a chacina em busca do dólar, o derramamento de sangue nos campos, nas fábricas e oficinas são a ordem do dia. A pobreza, a miséria e a guerra industrial, os crimes, suicídios e assassinatos cometidos todos os dias do ano neste país convencerão qualquer pessoa inteligente de que na sociedade atual temos Lei em abundância, mas pouca ordem e paz.

Anarquismo significa OPOSIÇÃO à violência e a quem a cometeu, mesmo que tenha sido o governo. O governo não tem mais direito de assassinar do que um indivíduo. Anarquismo é, portanto, oposição à violência, bem como se opõe ao governo imposto ao homem pela força.

Os Anarquistas valorizam a vida humana. De fato, ninguém a valoriza mais do que eles. Por quê, então, os

Anarquistas são sempre culpados por qualquer ato de violência? Porque os governantes e exploradores desejam manter vocês contra os Anarquistas, de modo que nunca descubram o que os Anarquistas realmente querem, mantendo os senhores a salvo no seu monopólio da vida.

Quais são os fatos concretos sobre a violência? Crimes de todo tipo acontecem todos os dias. Os Anarquistas são responsáveis por eles? Não seriam a miséria e o desespero as reais causas que levam as pessoas a cometerem tais atos? Um milionário sairá pelas ruas e atacará pessoas com um pedaço de cano para roubar poucos dólares? Não. Ele constrói uma fábrica e rouba seus trabalhadores de um modo muito mais seguro, lucrativo e de acordo com a lei.

Quem, então, comete atos de violência? Um homem desesperado, é claro, para quem nenhum outro recurso está à mão. A violência é cometida por todo tipo de pessoa. Essa violência é principalmente exercida para o propósito de furto ou roubo. Mas existem casos em que possui razões sociais. Esses atos de violência impessoais, desde tempos imemoriais, têm sido a resposta das classes desesperadas e incitam individualistas desesperados a fazerem mal para os outros homens, que eles sentiam ser intoleráveis. Tais atos são a REAÇÃO violenta à violência, seja agressiva ou repressiva; elas são a última luta desesperada de um indignado e de uma ultrajada natureza humana em busca de um espaço para respirar o viver. E sua CAUSA NÃO REPOUSA EM UMA CONVICÇÃO ESPECÍFICA, MAS NA PRÓPRIA NATUREZA HUMANA. Todo o curso da história, política e social, evidenciam-na. Para ir mais longe, lembremos dos Revolucionários da Rússia³, os Fenianos e *Sinn Feiners* da Irlanda⁴, os Republicanos da Itália⁵. Eles eram Anarquistas? Não. Todos eles compar-

Abaixo os anarquistas!

tilhavam das mesmas opiniões políticas? Não. Mas todos eram conduzidos por circunstâncias desesperadas a essa terrível forma de revolta.⁶

Os Anarquistas, bem como outras pessoas, cometeram, por vezes, atos de violência. Você considera o Partido Republicano ou a Igreja Metodista ou Presbiteriana responsáveis pelos atos de seus membros? Seria estúpido considerar.

Sob condições de vida miseráveis, qualquer visão de uma chance de melhorar as coisas faz a miséria presente ainda mais intolerável e estimula aqueles que sofrem a lançar-se à mais energética das lutas a fim de aumentar seu quinhão. Se essas lutas produzem um alívio imediato, a deriva é puro desespero.

Em nossa sociedade atual, um assalariado explorado que vislumbra o que o trabalho ou a vida poderiam e deveriam ser descobre que a rotina penosa e a miséria de sua existência são intoleráveis; e mesmo quando tem a disposição e a coragem para continuar firmemente trabalhando, esperando que novas ideias permeiem a sociedade trazendo tempos melhores, o mero fato de ter tais ideias e tentar propagá-las o coloca em dificuldades com seus empregadores. Quantos milhares de trabalhadores rebeldes, de Socialistas, de Industrialistas e Sindicalistas, mas sobretudo de Anarquistas, perderam seus empregos e até mesmo uma chance de trabalho somente por conta de suas opiniões? Apenas um artesão especialmente talentoso, se for um zeloso propagandista, pode manter um emprego permanente. E o que acontece com o homem cujo cérebro trabalha ativamente com o fermento das novas ideias, com uma visão diante de si de uma nova esperança nascendo para seus companheiros na miséria, que compreender, por

fim, que ela não é causada pela crueldade do destino, mas pela injustiça imposta por outros seres humanos — o que acontece com esse homem quando ele vê famintos aqueles que lhe são caros, ou quando ele mesmo passa fome?

Alguns em tal situação, mesmo os mais pacatos e sensíveis, tornar-se-ão violentos, e sentirão que sua violência é social e não antissocial, e que quando se levantam e resistem, agem não por eles mesmos, mas pela natureza humana, vilipendiada e violada em suas pessoas e na dos seus companheiros que sofrem. Quem somos nós para condenar friamente essas comoventes vítimas das Fúrias e do Destino? Devemos condenar como canalhas esses seres humanos que agem com heroica autodevoção, muitas vezes sacrificando suas vidas em protesto, em momentos nos quais naturezas menos sociáveis e energéticas rastejariam em submissão abjeta à injustiça e aos desfeitos? Devemos nos unir ao clamor brutal e ignorante que estigmatiza esses homens como monstros da maldade, soltos como feras descontroladas em uma sociedade harmoniosa e pacificamente inocente?

NÃO! Odiamos o assassinato com um ódio que pode parecer absurdamente exagerado aos apologistas da guerra, da carnificina industrial e dos massacres de Ludlow⁷, aos insensíveis colaboradores da violência governamental e plutocrática, mas nos negamos a considerar culpadas de homicídio essas pessoas vítimas, considerando responsáveis aqueles que as diretamente exploram.

A culpa desses homicídios repousa em cada homem e em cada mulher que, intencionalmente ou por fria indiferença, ajuda a manter as condições sociais que guiam os seres humanos ao desespero. O homem que lança-se na

Abaixo os anarquistas!

tentativa, usualmente ao custo da própria vida, de protestar contra as injustiças cometidas contra seus companheiros, é um santo em comparação aos defensores ativos ou passivos da crueldade e da injustiça, mesmo se seu protesto destrua outras vidas além da sua. Que aquele que não cometeu nenhum pecado na sociedade atire a primeira pedra.

The Blast Group
 Group Freedom
 Italian Anarchist Group Volonta
 Union of Russian Workers
 Alexander Berkman
 Emma Goldman

Notas

¹ Texto originalmente publicado em *The Blast*. São Francisco, 15 de agosto de 1916, pp. 5–7. “Abaixo os Anarquistas” foi um título popularmente utilizado pelos anarquistas nos Estados Unidos, a partir da publicação do panfleto de Johann Most por volta da virada para o século XX. Foi também o título do folheto de número 3 produzido pela Federação Anarquista de Nova York, em maio de 1908 (impresso como “Aos Nossos Inimigos” na edição de março de 1908 de *Mother Earth*). Esse artigo de *The Blast* foi reimpresso em forma de folheto.

² Referência às Associações de Comerciantes e Fabricantes de Los Angeles e de São Francisco e ao jornal *San Francisco Examiner*, de William Randolph Hearst. Harrison Gray Otis, dono do *Los Angeles Times*, foi um importante membro da Associação de Comerciantes e Fabricantes de Los Angeles, e defendia o livre mercado e a “liberdade industrial”. Alexander Berkman e Emma Goldman acreditavam que a Associação de Comerciantes e Fabricantes de Los Angeles estava por trás da incriminação de Mooney Billings e outros presos.

³ Emma Goldman refere-se aos revolucionários na Rússia como “Social Democratas” ou “Constitucionalistas” em *The Psychology of Political Violence*, ensaio publicado pelo Mother Earth Publishing Association, em 1911.

⁴ Emma Goldman refere-se aos Fenianos, uma organização irlandesa nacionalista de meados do século XIX que instigava insurreições contra os britânicos. Em seu ensaio *The Psychology of Political Violence*, Goldman refere-se a esse grupo como “separatistas políticos”. *Sinn Féin*, expressão em gaélico para “nós mesmos”, é o nome de um partido político irlandês nacionalista fundado em 1905 com a proposta de libertar a Irlanda do controle político britânico. Em 24 de abril de 1916, a Irmandade Republicana Irlandesa tornou-se uma insurreição armada em Dublin, pedindo pela autonomia da Irlanda, com o nome de Exército Republicano Irlandês (IRA). O governo britânico erroneamente classificou essa ação, também conhecida como Revolta da Páscoa, como dirigida pelo Sinn Féin. Em 2005, o IRA foi oficialmente extinto e o Sinn Féin avançou nas negociações com o governo britânico para compor as forças políticas institucionais do Reino Unido.

⁵ Em *The Psychology of Political Violence*, Emma Goldman refere-se aos Mazzinianos na Itália como republicanos.

⁶ Esse parágrafo foi retirado, com pequenas alterações, diretamente do ensaio de Emma Goldman, *The Psychology of Political Violence*.

⁷ Em 20 de abril de 1913, a Guarda Nacional do Colorado disparou com uma metralhadora em uma vila em Ludlow, Colorado. Ao menos cinco mineradores, vinte crianças e duas mulheres foram mortos. Sobre esse acontecimento, ver: “Preparedness, the Road to Universal Slaughter”, artigo publicado em *Mother Earth*, dezembro de 1915.